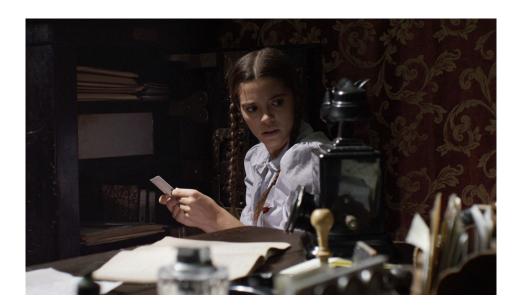
A UMA HORA INCERTA

Um filme de Carlos Saboga

Com Joana Ribeiro, Paulo Pires, Judith Davis, Grégoire Leprince-Ringuet, Filipa Areosa, Pedro Lima 2015 | Portugal | M/12 | 1h15

Viennale - Festival de Cinema de Viena - Selecção Oficial



1942. No Portugal salazarista, dois refugiados franceses, Boris e Laura, são presos. O inspector Vargas, sentindo-se atraído pela jovem mulher, decide escondê-los em sua casa: um hotel vazio onde vive com a filha, Ilda, e a mulher, gravemente doente. Ilda descobre a presença dos refugiados e, consumida pelo ciúme, tenta fazê-los desaparecer a todo o custo...

Entrevista a Carlos Saboga

No seu filme anterior, Photo, em que fala dos anos 1960/70, vistos a partir de hoje, havia, digamos, um acerto de contas com a história recente de Portugal, em particular a última década da ditadura fascista, que poderíamos também ler como o seu acerto de contas com essa história. Agora, em A Uma Hora Incerta, vai lá mais atrás, ao Portugal salazarista de 1942, no período da Segunda Grande Guerra, num filme de época. Parafraseando Alexandre O'Neill, Portugal é uma questão que tem consigo mesmo?

Carlos Saboga: Em todo o caso, para continuar a parafrasear O'Neill, não é o "meu remorso". De facto, se os dois filmes que realizei decorrem ambos em Portugal, parece-me que, no fundo, tanto um como o outro questionam mais a época do que o país. Se alguma questão tenho ainda com Portugal não é certamente em termos identitários ou de acerto de contas. Terá sido. Mas após todos estes anos de separação, Portugal é, para mim, sobretudo uma língua e uma memória. Devo acrescentar que não sou do Benfica nem o fado é, de todas as músicas, a minha preferida.

A questão do exílio forçado, aqui através de dois refugiados de guerra franceses, volta a estar presente, agora de forma distinta.

C.S.: Talvez, sei lá, porque o exílio, forçado ou escolhido, é um ponto de partida dramaticamente interessante que permite ao autor um olhar, digamos, mais distanciado sobre as duas margens, a que se deixou e aquela a que se abordou. Mas suponho que a autobiografia não deva ser totalmente alheia a esta atracção pelos exilados com o vago perfume de deserção, de traição até... mais o consequente sentimento de culpa que os rói...

Naquele "mundo fechado", onde todos parecem esconder um segredo, o inspector Vargas acaba por ter um comportamento diferente do que seria de esperar de um inspector-chefe da PVDE [Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, antecessora da PIDE], ao contrário de Jasmim, o seu subalterno. Isso deve-se ao facto de ter saído do país, para combater na Flandres na Primeira Grande Guerra? A "outra guerra", como Laura lhe chama, ao que ele responde, que há só uma guerra, contínua, e que não há nenhum sítio seguro.

C.S.: Acho que Vargas é, depois dos dois franceses, o terceiro exilado do filme, latente, mas radical, porque não acredita sequer que haja um porto de abrigo possível. É um morto em suspenso. Um "estrangeiro". A experiência da Flandres, o sopro da morte no campo de batalha, parecem tê-lo convencido de que a guerra é a inelutável condição dos homens. É o que o leva provavelmente a fechar-se aos outros. E aos sentimentos.

Ilda, a filha adolescente, tem uma enorme vontade de viver, sempre atenta aos ruídos e aos sinais que vêm do exterior. Simultaneamente, sente uma enorme paixão pelo pai, também física, incestuosa, que ela própria revela quando fantasia ao ler o episódio das filhas de Lot do Velho Testamento.

C.S.: Ilda é o oposto de Vargas. É a sua vitalidade, a sua sede de reconhecimento por parte do pai que fazem avançar a acção. Nem a traição, nem o crime a farão recuar.

do jogo. Em contrapartida, parece-me menos legítima a ignorância geral com que a crítica contempla habitualmente o trabalho do argumentista.

Volta a trabalhar com Mário Barroso, que também já fizera a fotografia de Photo, e com o qual trabalhou como argumentista nas duas longas que Barroso realizou, Um Amor de Perdição, adaptação contemporânea da obra de Camilo, e O Milagre Segundo Salomé, adaptação do romance de José Rodrigues Miguéis, sobre o Portugal da primeira república. A fotografia é extremamente importante na criação desta atmosfera opressiva que o país vivia.

C.S.: Trabalho com o Mário Barroso desde o fim dos anos 70, se contarmos as curtas- metragens meio realizadas e os projectos frustrados. O seu papel nos dois filmes que realizei foi essencial.

Medeia Magazine [Set/Out, 2015]



O título do filme, A Uma Hora Incerta, vai, de algum modo, no sentido de que o acaso acaba por ter muitas vezes um papel decisivo na vida de cada um. E que as vidas se resolvem nesses lugares de "passagem, ou a meio caminho" como foi Portugal para os refugiados de guerra naquele tempo, como é a passagem do hotel para o anexo, onde o filme se resolve.

C.S.: Porque não? Na realidade, o título roubei-o a um poema de Primo Levi, *Ad ora incerta*, roubado por sua vez ao provérbio latim *Mors certa, hora incerta*.

Tem uma longa e premiada obra como argumentista, e trabalhou com grandes realizadores. Disse numa entrevista que muitas vezes os argumentistas se sentem, de certa forma, frustrados porque o resultado nunca é como tinham idealizado no papel. No decorrer da rodagem e montagem deste filme o Carlos Saboga realizador alterou muito o que o Carlos Saboga argumentista tinha escrito?

C.S.: A letra foi relativamente alterada (a carne é fraca)... O espírito manteve-se inalterado.

Devo acrescentar que, mesmo antes de ter realizado o meu primeiro filme, sempre considerei que os realizadores tinham todo o direito de chamar a si o que eu havia escrito. É a regra



A Uma Hora Incerta

A segunda obra realizada por um dos grandes argumentistas portugueses entrelaça subtilmente afectos familiares e nacionais num filme belo e atmosférico.

Estará Portugal a tornar-se especialista em cineastas de uma certa idade? Depois do centenário de Oliveira, eis que surge Carlos Saboga, jovem cineasta de 79 anos. Conhecemo-lo como argumentista do maravilhoso *Mistérios de Lisboa* e de *Linhas de Wellington*, depois com *Photo*, o seu primeiro filme enquanto realizador, belo e um tanto académico.

A Uma Hora Incerta, o seu segundo filme, é uma jóia de precisão e concisão, o equivalente fílmico de um conto. A acção passa-se em Lisboa, em 1942, durante a ditadura de Salazar, mas longe do conflito mundial que abala a Europa: contra o conselho do seu desconfiado colega, o inspector Vargas esconde em sua casa um casal de refugiados franceses (judeus, sem dúvida) porque tem um fraquinho pela mulher.

Essa «sua casa» é um hotel deserto, onde vive também a sua esposa, acamada devido a doença, e a sua filha, em plena crise edipiana e hormonal (a sua interpretação da bíblia como romance erótico é absolutamente deliciosa). A filha apercebe-se da presença dos dois refugiados, fica com ciúmes e gostaria de os fazer desaparecer... Saboga dá vida a este espaço fechado com intensidade romanesca e um sentido apurado dos poderes crus do cinema: persianas fechadas, corredores vazios, quartos escuros e desocupados, um mundo exterior que não entra a não ser pela luz do jardim ou pelos discursos de Salazar na rádio...

Outras histórias da história de Portugal

Com "A uma Hora Incerta", Carlos Saboga revisita os meandros de um tempo marcado pela acção da polícia política do Estado Novo.

Cinema histórico português?... Provavelmente não existe. Por razões quantitativas, entenda-se: a escassez da nossa produção dificulta a consolidação de um género (drama, comédia, etc.). Em todo o caso, há filmes mais ou menos solitários que contrariam tal estado de coisas — "A uma Hora Incerta", escrito e realizado por Carlos Saboga, constitui um bom exemplo de tal atitude.



A Uma Hora Incerta é um filme atmosférico, um pequeno tratado sobre o tédio, a ociosidade, o confinamento, um caldeirão de neuroses familiares que ferve em lume brando. Esses afectos familiares desviantes são também os do país, ele próprio confinado para a fúria do mundo. O tema dos refugiados e da fronteira obviamente ecoa o presente e um dos aspectos mais fortes do filme é a sua carga política em surdina, quando Saboga nos faz ouvir os discursos reais de Salazar acerca de união nacional e protecção do povo: a semelhança com os de François Hollande é, no mínimo, perturbadora.

Com pouquíssimos meios, Saboga dá vida a um mundo de impulsos reprimidos e prestes a explodir, um universo rico em tensões múltiplas, eróticas, afectivas e políticas. É sustentado perfeitamente por actores soberbos, a começar pela incandescente Joana Ribeiro e pelo carismático Paulo Pires. *A Uma Hora Incerta* combina o classicismo elegante de Oliveira, a fulgurância de um filme de série B e a riqueza de sentido de um romance. Nada mal para um jovem.

Serge Kaganski, Les Inrockuptibles [Fev, 2016]

O projecto de Saboga envolve uma metódica vontade de escapar ao cliché, seja ele dramático ou político — e tanto mais quanto está em jogo um período tão complexo (e tão enigmático) quanto aquele que se viveu em Portugal, em plena Segunda Guerra Mundial, quando chegavam muitos refugiados que tentavam escapar aos combates, nomeadamente em França.

Em cena está a acção da polícia política do Estado Novo. A partir da acção de dois inspectores da PVDE (interpretados por Paulo Pires e Pedro Lima), visando em particular uma família francesa, "A uma Hora Incerta" organiza uma memória de um tempo de repressão e ocultação, escapando a qualquer facilidade "panfletária" ou "militante".

Com um leque de personagens femininas particularmente rico e contrastado — interpretadas, por exemplo, por Joana Ribeiro, Joana de Verona e Ana Padrão —, o filme de Carlos Saboga consegue, além do mais, sugerir a respiração interior de um mundo dominado por valores masculinos, tendencialmente machistas. É, por tudo isso, uma revisitação de um período concreto da história do nosso país, agora repensado através de histórias menos óbvias e mais subtis.

João Lopes, Cinemax [Out, 2013]

A Uma Hora Incerta (2015) de Carlos Saboga

[...]

1942. Vargas é um polícia, chefe da PVDE. Dois refugiados são apanhados com documentação falsa e estão presos aguardando interrogação nos calabouços da polícia política do regime. Ela faz lembrar a Ingrid, ele nem por isso. Vargas pergunta à bela francesa onde arranjou os passaportes de contrafacção, ela responde que vieram de Casablanca. Aqui estão dadas as três primeiras deixas para o paralelo entre o filme de Curtiz e *A Uma Hora Incerta* (2015) de Carlos Saboga: o mesmo ano, a mesma mulher, o mesmo destino. Mais tarde a filha de Vargas põe-se à janela ouvindo os sons do cinema vizinho que enchem o casarão desocupado. Ao longe escutase *La Marseillaise*. O filme, todos nós sabemos, só pode ser um.

[...]



No entanto, A Uma Hora Incerta nada tem de filme de espiões, aristocratas ou actrizes famosas cirandando pela Lisboa de cartão (ou de postal) com microfilmes e segredos de Estado. É um filme recluso do espaço de um hotel abandonado, onde poucos são os que por lá passam. Corredores vazios, quartos esquecidos, lençóis sobre a mobília. Saboga olha o ano de 1942 e tenta secar-lhe todo o encanto do filme de época e todo o esplendor dos plots convulsos dos filmes do período da Segunda Guerra Mundial, fica então o retrato de um país sem que se mostre o país que se retrata, isto é, o hotel abandonando funciona como reflexo do país: fechado sobre si, tudo coberto de paninhos (quentes), pejado de refugiados indesejados, tudo silencioso e sombrio - entre intrigas, leituras de Bíblia ao deitar, leituras do Avante às escondidas, refugiados evitando serem vistos e "romances" secretos entre polícias e desordeiros, subalternos e sopeira.



A esse respeito, Saboga, pela mão do seu director de fotografia e colega de vários trabalhos Mário Barroso – que o terá aprendido com o mestre Oliveira –, filma várias vezes os seus personagens por entre portas, cortinados, entre móveis, vidros e janelas entreabertas, como se tudo funcionasse no sentido de acentuar esse estado de coisas onde o pouco que se via e se fazia era pela metade; e mais que isso, onde nada escapava sem ser ouvido ou visto por alguém. E aqui a referência já não pode ser a claridade romântica de Curtiz, mas a desolação wellesiana em Xanadu e a força destrutiva e decadente do outro "policial" onde também havia um Vargas e um seu colega que (n)os encaminhava para o fundo do poço.

Ricardo Vieira Lisboa, À Pala de Wash [Out, 2015]